
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"
Anais

A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES RELIGIOSAS PLURAIS EM FACE DA GLOBALIZAÇÃO E DA INDIVIDUALIZAÇÃO DO SAGRADO [*]

Jeyson Messias Rodrigues[**]

Resumo

Discute-se, no presente artigo, alguns aspectos introdutórios a uma análise sobre as ambivalências do atual pluralismo do campo religioso, apresentando-o não como simplesmente marcado por uma mera fluidez ou liquefação das estruturas tradicionais ou por um hibridismo sem limites ou sem contradições, mas também por expressivas ambivalências manifestas, por exemplo, nos fechamentos identitários e em posicionamentos, por vezes, reacionários, em um campo religioso plural todavia também marcado por discursos anti-pluralistas, tradicional mas também des-tradicionalizante, no qual posturas vinculadas tanto às noções de reprodução quanto de ruptura em relação a discursos hegemônicos mesmo dentro de uma mesma comunidade religiosa, são continuamente articuladas pelos mesmos atores religiosos de maneira que, para além de um mero desdobramento de históricas e estruturais rupturas do pensamento ocidental moderno, o atual pluralismo religioso também vem sendo experienciado dentro das próprias comunidades religiosas e pelos próprios indivíduos enquanto atores relativamente autônomos na construção de suas identidades religiosas em um contexto de globalização e individualização das experiências religiosas.

Palavras-chave: identidades religiosas. Pluralismo religioso. Ambivalências religiosas.

Introdução

As noções e conteúdos religiosos não são partilhados de maneira homogênea mesmo pelos membros de uma mesma comunidade religiosa. As diferentes experiências biográficas dos atores levam-nos a relerem de diferentes maneiras os discursos que lhes chegam, de maneira que o próprio processo de transmissão já se apresenta pluralizante (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 63). Para além do fato de algumas características dos nossos dias parecerem favorecer manifestações de religiosidade marcadas pelo pluralismo, sobretudo em meio à complexidade de diversas experiências religiosas que, na contemporaneidade, vêm se

[*] Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião, realizado entre os dias 08 e 10 de setembro de 2016 na UNICAP, PE.

[**] Cientista social e mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Alagoas; mestre em Ciência das Religiões pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias / Lisboa. Integrante do Núcleo de Estudos em Ciências da Religião. Leciona as disciplinas de Sociologia, Religiões Comparadas e História do Cristianismo no Seminário Teológico Batista de Alagoas.

demonstrando aparentemente mais autônomas em relação a alguns discursos tradicionais, esse mesmo pluralismo traz em si, expressivos limites e contradições, articulando-se diversas formas de se conceber e vivenciar a religião. É nesse contexto, ora potencializado por processos e fenômenos como globalização e individualização, que se vêm configurando formas plurais e distintas de se conceber e vivenciar a religiosidade, mesmo em uma comunidade religiosa enquanto espaço social "definido pela exclusão mútua, ou pela distinção das posições que o constituem" (BOURDIEU, 2001, p.164).

Nesse sentido, partindo da perspectiva da Sociologia da Religião e de um aprofundamento bibliográfico que serviu de base à pesquisa de dissertação de mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Alagoas, o presente artigo apresenta algumas sínteses a respeito dessas ambivalências que vêm marcando o campo religioso. Para tanto, discute-se aqui alguns aspectos da construção identitária no contexto da globalização, cujos desdobramentos parecem ter contribuído para um cenário marcado pela multiplicação dos quadros de referência, de maneira a possibilitar aos atores religiosos uma ampla gama de discursos assimiláveis especialmente em um contexto de individualização religiosa no qual cada um invoca legitimidade, não raro, acima das demais, e ante os quais os sujeitos se vêm impelidos a chamarem a si a responsabilidade final na seleção de elementos para composição da sua religiosidade plural.

Vale salientar que o fenômeno religioso parece estar inserido em um ambivalente contexto de pluralismo mas também de fechamentos identitários a esse mesmo pluralismo, traduzindo-se nas esferas local e global sob locais e globais influências, bem como na experiência de diversos sujeitos contemporâneos.

Desde a década de 1960, multiplicaram-se os chamados Novos Movimentos Religiosos. Processo sucedido por crescente midiatização do fenômeno religioso cujo auge se deu, sobretudo nos grandes centros urbanos, a partir da década de 1980, e que pareceu "reencantar" o Ocidente

ao fomentar um retorno do interesse e da busca por espiritualidade. Com esse "retorno" social da busca pelo sagrado, experimenta-se expressivo uso de símbolos religiosos, além de uma crescente procura, especialmente no Brasil, por experiências religiosas à margem das tradições históricas e de forma mais distanciada de exclusivas, permanentes ou fiéis pertenças a qualquer instituição específica. Mas o inverso dessa realidade também vem sendo observado, não raro na vivência dos mesmos atores, de maneira que a contemporaneidade demonstra-se ambivalente em suas orientações e resultados. É partindo dessas observações preliminares que busca-se aqui, discutir alguns aspectos do atual quadro no qual a religiosidade vem sendo vivenciada, e as ambivalências daí resultantes.

Construções identitárias no contexto da globalização

Até que se tenha construído um cenário propício à vivência religiosa em termos de pluralismo, o campo religioso pôde influenciar e ser influenciado por diversos processos e fenômenos sociais, refletindo-se inclusive na construção das identidades. E aqui faz-se necessário reconhecer o caráter relacional de toda e qualquer construção identitária. É mediante essa interação com o outro que elementos socioculturais são internalizados e que diversos conjuntos de significados são assimilados ou rejeitados em um processo dialético cuja síntese é a própria identidade em contínua construção.

Apesar de o conceito de identidade na sociologia ser multifacetado e abordável de inúmeras formas, de modo geral está intimamente relacionado com o conjunto de compreensões que as pessoas mantêm sobre quem elas são e sobre o que é significativo para elas, a partir da priorização de certos atributos em relação a outras fontes de significado, exigindo outras referências externas, e sendo, portanto, marcada pela diferença.

Tal noção apresenta-se importante, pois, à própria compreensão do atual cenário de pluralismo religioso que, apesar dos seus próprios limites, oferece aos atores um quadro de referências crescentemente marcado pela diversidade e mesmo pela experimentação de negociações e múltiplas composições identitárias a partir dos mais diversos parâmetros de moralidade, tradições e discursos religiosos. Vale salientar como as identidades, em diversos contextos, vêm sendo cada vez mais marcadas por uma espécie de deslocamento dos elementos identitários herdados. Algumas mudanças sócio-culturais teriam enfraquecido o impacto de regras e convenções sociais sobre os indivíduos, ora mais social e geograficamente móveis e autônomos em relação às comunidades relativamente homogêneas e interligadas do passado, pelas quais os padrões eram transmitidos de modo fixo de uma geração à outra. Para Giddens,

> No mundo atual, temos sem precedentes de moldar a nós mesmos e de criar nossas próprias identidades. Somos nosso melhor recurso para definir o que somos, de onde viemos e para onde vamos. Agora que as referências tradicionais tornaram-se menos essenciais, o mundo social confronta-nos com uma quantidade vertiginosa de escolhas acerca de quem somos, de como devemos viver e do que devemos fazer – sem oferecer grande orientação sobre que escolhas devemos fazer. As decisões que tomamos na vida cotidiana sobre o que vestir, como se comportar e como gastar nosso tempo ajudam a nos tornar o que somos. O mundo moderno força a que encontremos a nós mesmos. Por meio de nossa capacidade como seres humanos autoconscientes, constantemente criamos e recriamos nossas identidades (GIDDENS, 2005, p. 44).

Assim, em meio às controvérsias em torno do tema, ao que parece, as identidades modernas encontram-se marcadas tanto por uma tendência de preservação de elementos e discursos tradicionais, quanto por uma dinâmica de fragmentação e deslocamento[1]. Stuart Hall, no entanto, parece enfatizar esta tendência antes daquela, ao afirmar que o mundo ocidental vem sofrendo um processo de mudança estrutural responsável pela

[1] Noções que favorecem uma dinâmica de mobilidade consequente da ausência de núcleos ou centros determinados que produzam identidades fixas.

fragmentação das paisagens culturais que outrora nos teriam fornecido ideias de pertencimento mais estáveis e sólidas; processo esse que hoje, no entanto, tem modificado inclusive as leituras que fazemos sobre nós mesmos (HALL, 2006, p. 9).

De acordo com Stuart Hall a Modernidade trouxe, em um espaço de tempo relativamente curto, rupturas significativas que corroboraram de forma inédita com mudanças conceptuais acerca da questão da identidade, questionando a autoridade eclesiástica para estabelecer limites ao agir e ao pensar. O ser humano deixava de ser apenas parte de uma instituição ou de uma realidade *ad extra*, ele passava a ter uma identidade enquanto ser humano, independentemente das falas dos agentes e da própria instituição eclesiástica. Tal perspectiva também é aprofundada *a posteriori,* a partir da cosmovisão antropocêntrica iluminista centrada numa otimista concepção de ser humano racional, científico e livre de mitos e dogmas, em ruptura com o passado (HALL, 2006, p. 25). Essa forma como o sujeito social é percebido na sociedade moderna teria atravessado uma noção mais racional e centrada, passando por uma noção mais interacional até chegar à forma do sujeito pós-moderno: sem identidade fixa, una ou estável:

> O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais 'lá fora' e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as 'necessidades' objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade tornou-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades

> contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006, pp. 12-13).

É importante perceber como as concepções de sujeito e de identidade modernos vão se deslocando exatamente em direção a essa descentralização, desestabilizando-se até sua forma conceitual contemporânea, segundo a qual a construção do 'eu' é concebida, nas palavras de Giddens, "como um *projeto reflexivo*, uma parte elementar da reflexividade da modernidade; um indivíduo deve achar sua identidade entre as estratégias e opções fornecidas pelos sistemas abstratos" (GIDDENS, 1991, p. 126), refletindo-se na religião ao propiciar identidades continuamente reconstruídas, levando em consideração fontes de autoridade que já não se restringem aos discursos tradicionais no contexto de uma modernidade pós-tradicional todavia, ambivalente.

Vale salientar como as fronteiras identitárias também vêm sendo influenciadas por uma cultura global que se difunde, de forma que a superação dos obstáculos político-geográficos têm gerado uma constante interação e mútua influência entre as esferas local e global. Assim, culturas locais e culturas globais vêm tocando-se em dialética interferência que faz com que elementos da cultura global se insiram, apesar dos conflitos e resistências, nas culturas locais e vice-versa, de maneira que as mais diversas culturas estão em contato, impossibilitando qualquer "pureza cultural" (BURKE, 2003).

Encaixa-se, pois, o conceito de *desencaixe* enquanto "deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de espaço-tempo" (GIDDENS, 1991, p. 29). Em diversos contextos, o sentimento de pertença e consequente identificação com a comunidade se desencaixa das localidades geográficas e, pela apropriação reflexiva do conhecimento, desencaixa-se de referenciais tradicionais. A superação dos obstáculos político-geográficos têm gerado uma constante interação e mútua influência entre as esferas

local e global, potencializada pelas novas tecnologias e pela modificação das noções de espaço e de um tempo, ora, "intemporal" (CASTELLS, 2010, p. 462).

"No universo de *software* da viagem à velocidade da luz, o espaço pode ser atravessado, literalmente, em 'tempo nenhum'; cancela-se a diferença entre 'longe' e 'aqui'. O espaço não impõe mais limites à ação e seus efeitos" (BAUMAN, 2001, p. 136), de forma que é possível estabelecer uma comunicação simultânea com várias pessoas de diferentes continentes em tempo real. É nesse "mundo de mudanças confusas e incontroladas" (CASTELLS, 2010, p. 41.57) que encontra-se inserido o campo religioso.

Note-se mesmo a aproximação de fronteiras entre os próprios sistemas simbólicos, de forma que a alteridade religiosa, via de regra exótica e diferente, já não se encontra distante, mas potencialmente vizinha, numa relação de imediação que possibilita diálogo e mútuo consumo de elementos de uma perspectiva por outra (PACE, 1997, p. 27). Afinal, pode-se participar de um rito de outra religião do outro lado do mundo, pela mediação de alguns cliques sem sequer precisar sair da própria casa. De acordo com Silas Guerriero,

> Quando alguém, na sociedade brasileira, rompe com sua tradição religiosa, pode lançar mão de inúmeros símbolos vindos das mais diferentes épocas ou sociedades. Das tradições druídicas do antigo povo celta às práticas xamânicas das tribos siberianas, tudo está ao alcance, mesmo que vulgarizado e lido de maneira superficial, em um simples clicar de botão do computador que acessa a rede mundial da Internet. É a globalização da religião. Claro que as religiões sempre ultrapassaram fronteiras, e o cristianismo é exemplo disso, mas agora não é preciso esperar pela chegada do missionário. O próprio indivíduo busca sua nova religião de dentro do próprio quarto [...] A vida urbana moderna possibilita a troca mais intensa de informações e uma diversidade cada vez maior. Isso tem profundos reflexos no âmbito religioso. As religiões não estão mais separadas ou isoladas. Ninguém mais passa sua vida inteira sob a influência ou contato de uma única religião. Até mesmo o indígena de uma aldeia distante acaba tendo contato com a vida urbana e pode facilmente começar a freqüentar uma nova Igreja evangélica na qual o pastor pode falar coisas que, muitas

> vezes, naquele momento, ele quer e precisa ouvir. Na atual sociedade moderna, temos contatos com as grandes religiões tradicionais, com as antigas civilizações e com toda e qualquer forma nova de vivência religiosa. (GUERRIERO, 2006, pp. 22-23).

As identidades religiosas tornam-se mais susceptíveis e penetráveis, tanto pelas concepções e práticas do outro, com o qual, querendo ou não, dialoga a despeito das distâncias que em outros tempos dificultaram muito mais tais trocas simbólicas, quanto à demanda de mercado e venda de símbolos de tantas tradições quantas possam ser criadas e recriadas para consumo. Dessa forma, "poderes globais e os significados e identidades obstinadamente locais se encontram, se chocam, lutam e buscam um acordo que se mostre satisfatório ou pelo menos tolerável" (BAUMAN, 2004, pp. 121 e 125). Somos, pois, "confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha" (HALL, 2006, p. 75), e que parece se desdobrar na construção de identidades religiosas abertas e híbridas, mas também numa atitude reacionária de fechamento a esse mesmo hibridismo como ameaça a algumas noções de identidade. Assim, se por um lado, diante da "fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da 'alteridade'" (HALL, 2006, p. 77) e guardadas as devidas proporções evidenciadas pelas aparentes contradições da contemporaneidade, "o mundo se crioulíza" (ABDALA JÚNIOR, 2004, p. 18), diversas outras comunidades religiosas entrincheiram-se em busca da preservação de uma suposta pureza identitária. Ambivalência desconsiderada em perspectivas que supervalorizam o caráter fluido e pluralista do campo religioso em detrimento de seu oposto presente, por exemplo, em grupos que fomentam atitudes de fechamento, não raro violento, e de estigmatização entre aqueles que lhe integram e entre os próprios sujeitos que flexibilizam certos aspectos identitários, ainda que de maneira ambivalente.

Afinal, se para muitos atores contemporâneos, comprometer-se com uma única identidade por um longo período parece um desafio, e se para os tais, a manutenção de uma identidade fixa, coesa e rígida passou a ser interpretada como um fardo, uma espécie de camisa de força que reprime e limita a liberdade de escolha, para muitos outros, é exatamente sua distinção religiosa, que lhe move mesmo a sacrificar a própria vida. Assim, como vem sendo dito, toda a reflexividade que marca as sociedades pós-tradicionais também parece legar contradições particularmente observáveis no campo religioso.

A individualização da experiência religiosa

Também a definição dos papéis da religião parece estar muito mais sujeita à perspectiva, às experiências e escolhas individuais. A individualização do fenômeno religioso ora se apresenta, assim, enquanto elemento que promove e reflete a própria afirmação de autonomia do sujeito. Dessa forma, a religião não tem apenas um ou outro papel na contemporaneidade, mas tantos quantos possam ser atribuídos por cada sujeito. A partir dessa concepção da religião enquanto experiência útil, conveniente, prazerosa, saudável e versátil, diversos sujeitos vêm articulando a coisa religiosa às suas demandas, adaptando-a às suas próprias carências e interesses. Diversos atores religiosos já não se percebem solidamente amparados por estruturas coletivas durante a construção de suas identidades e experiências, devendo agora moldar sua própria trajetória, quase que individualmente. A reprodução da noção de um "*Deus pessoal*" daí resultante e cuja principal fonte encontra-se numa eleição por parte de cada ator, entre os elementos a serem constitutivos de seu próprio universo religioso, impõe-se em detrimento dos dogmas e exegeses tradicionais, possibilitando a construção de um imaginário mais adaptado às expectativas e demandas individualizadas (BECK, 2003).

A partir desse parâmetro de des-tradicionalização e consequente relativização de alguns elementos dogmáticos inclusive a respeito do outro, até mesmo as antíteses inerentes às diferenças entre as diferentes tradições religiosas são atenuadas, permitindo a experiência, ainda que de maneira ambivalente [e, em certos aspectos, velada], de religiosidades inter-religiosas, em um processo potencializado pelo choque entre diferentes valores, culturas, noções éticas e cosmovisões distintas, próprio à *cosmopolitização* enquanto

> "la erosión de las claras fronteras que separan mercados, Estados, civilizaciones, culturas y, sobre todo, los universos vitales de los diversos pueblos y religiones, así como la situación resultante de ella: la confrontación involuntaria a escala mundial con el Otro extraño" (BECK, 2009, p.77).

Note-se como diversos sujeitos se vêm cercados por um universo de possibilidades cuja escolha depende, ao menos em última instância, cada vez mais de si, com base em sua própria história, experiências e sentimentos particulares, tendo sempre diante de si a possibilidade de retornar à instituição sacra ou, dela assimilar o que lhe apraz. "Na sociedade atual, com traços fortemente individualistas, a religião está sendo considerada como realização interior e/ou necessidade subjetiva" (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 182). A religião se torna como que indecifrável, em meio às construções identitárias realizadas por cada um e cada uma, a partir do que se lhe interessa e a partir do que lhe é oferecido, ou vendido, enquanto bem simbólico pelas mais diversas agências religiosas que competem por sua clientela.

Dessa forma, como vem sendo dito, além do deslocamento das ideias de sujeito e identidade, algumas tendências da contemporaneidade têm corroborado com uma fragmentação identitária religiosa, uma espécie de religiosidade reflexiva[2] marcada pela pluralidade e por trânsitos decorrentes, inclusive, dessa multiplicação de quadros de referência e

[2] Adaptação do conceito de Giddens (2002).

fontes de autoridade peculiares à reflexividade moderna na qual se insere o campo religioso, e que pode ser observado na religiosidade de diversos atores que chegam mesmo a construir identidades religiosas plurais compostas por expressivas bricolagens de discursos, às vezes opostos, herdados de distintas fontes de autoridade religiosas e/ou a-religiosas.

Dessa forma, contribuindo para a multiplicação de referências e de discursos de autoridade, e fomentando o atual quadro de reflexividade religiosa, fatores como a individualização e a relação da religião com um mundo globalizado parecem entrelaçados, imbricados numa espécie de relação de causa-efeito onde nem sempre fica claro o que é causa e o que é efeito, mas que possibilitam uma "coexistência numa só pessoa de concepções religiosas, filosóficas e doutrinárias por vezes opostas e mesmo racionalmente inconciliáveis" (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 68). Para Enzo Pace, pois, muita mudança se tem experimentado no âmbito religioso a partir das influências globalizantes, especialmente no tocante à fragmentação e pluralização identitária. Em suas palavras,

> A globalização é um processo de decomposição e recomposição da identidade individual e coletiva que fragiliza os limites simbólicos dos sistemas de crença e pertencimento. A consequência é o aparecimento de uma dupla tendência: ou à abertura e à mestiçagem cultural, ou ao refúgio em universos simbólicos que permitem continuar imaginando unida, coerente e compacta uma realidade social profundamente diferenciada e fragmentada (PACE, 1997, p. 32).

Ambivalências de uma religiosidade secularizada

Um outro aspecto da religiosidade individualizada é o fato de a coisa religiosa já não estar restrita aos seus espaços tradicionalmente consagrados, mas também no espaço secular global: a mídia, os ambientes terapêuticos, os centros artísticos os espaços acadêmicos e mesmo tecnológicos (MOREIRA, 2008, p. 29), configurando, assim, não apenas

uma espécie de profanação do sagrado, mas também de sacralização do profano. Cognitivamente, pode representar o processo de racionalização das explicações da realidade. E em termos comportamentais, pode representar a privatização da experiência religiosa, seu deslocamento para o campo da subjetividade individual, havendo uma aproximação entre os conceitos de secularização e individualização (GUERRIERO, 2006, p. 49).

Tal secularização não se trataria de um desencantamento em relação ao sagrado, mas de um desgaste no imaginário popular do *status* de diversas tradições e instituições religiosas, bem como de um declínio do compromisso religioso na sociedade, de forma geral, substituindo a anterior recusa religiosa para com o mundo por uma atitude de aceitação. O encantamento permanece, então, no âmbito individual e mesmo em muitas expressões religiosas não tradicionais.

Para Rodrigo Portella, os processos de secularização e de individualização da religião são elementos modernos que têm contribuído essencialmente para a desconstrução da ideia de identidades religiosas mais fixas, estáveis e coerentes. É razoável dizer que nos dias atuais, em níveis mais expressivos que em outras épocas, a religiosidade não limita seu significado funcional à esfera social ou à coletividade.

A secularização, fruto da modernidade, substitui o centro anterior - o cosmo sagrado - pelo ser humano, em sua individualidade e racionalidade (PORTELLA, 2008, p. 150). "A 'predestinação' foi substituída pelo 'projeto de vida', o destino, pela vocação – e a 'natureza humana' na qual cada um nasceu foi substituída pela 'identidade', que cada um precisa podar e adaptar" (BAUMAN, 2008, p. 181). Continua-se vivendo a experiência religiosa só que, agora, de forma mais particular, a partir de uma relativa autonomia manifesta na vivência de fragmentos do universo religioso (PORTELLA, 2008, p. 152). A secularização, assim, não acaba com a religião, mas a reformula, tirando-a do controle dos grandes sistemas religiosos (PORTELLA, 2008, p. 152). É exatamente com a secularização

fomentada pela liberdade religiosa que, paradoxalmente, experimenta-se uma revitalização religiosa. Para Portella,

> A modernidade e a pós-modernidade mostram todo seu poder paradoxal e ambíguo. Secularização da sociedade e, ao mesmo tempo, revitalização do universo religioso. Duas faces de uma mesma moeda, cuja lógica está na inteiração dialética do moderno que desabriga a religião e, neste desabrigar, possibilita-lhe novas moradas (PORTELLA, 2008, p. 156).

Na contemporaneidade, portanto, diversos indivíduos compõem seu próprio mosaico religioso, buscando sentido para o seu mundo (PORTELLA, 2008, p. 155) enquanto muitos outros fazem o caminho inverso. Apesar dos limites e paradoxos dessa realidade, individualidade e autonomia vêm recebendo crescente importância referencial. Assim, a identidade religiosa deixa de ser uma coisa dada e passa a ser uma tarefa secularizada à esfera individual. A religião passa a ter um ou vários significados, a partir das escolhas particulares de cada sujeito. Mais do que nunca, as pessoas se sentem livres para expressar o que a religião significa para si, independentemente dos discursos tradicionais. A modernidade individualista contribuiu para uma espécie de privatização do fenômeno religioso, cujos significados eram anteriormente determinados pelas instituições religiosas tradicionais cuja autoridade vem sendo relativizada pelo *self* pessoal enquanto instância privilegiada de certificação da verdade (STEIL, 2008, p. 12). E mesmo questões do âmbito da moral, deixam de ser, para diversos atores religiosos, regulamentadas uniformemente pelas autoridades religiosas tradicionais.

"A religião subsiste na sociedade atual como uma categoria sociocultural e que ela assumiu as funções tanto de uma modalidade de identidade coletiva no nível societal como uma forma de consumo no nível dos indivíduos" (MOREIRA, 2008, p. 26). Uma vez que se entenda a religião em tons mais funcionalistas, enquanto construção de sentido para o mundo subjetivo e particular de cada indivíduo, independentemente de regulações institucionais, com mais facilidade se concebe a legitimação da experiência

religiosa em sentido mais *lato*, em posturas políticas, atitudes esportivas, identificações culturais, enquanto novas formas de religião secular ou profana (COSTA, 2006, p. 36). Tal secularização religiosa, como já foi sinalizado, equipararia equivalentes funcionais como, por exemplo, tradições religiosas, ideologias políticas, arte (COSTA, 2009, pp. 13-14). Note-se como a secularização do fenômeno religioso, em última instância, a remete a quaisquer práticas que confiram sentido à existência humana, de forma a abranger elementos sociais sem qualquer ligação a uma religião institucional, à sua linguagem ou a seus elementos próprios, inclusive elementos ateístas (PORTELLA, 2008, p. 154), em clara aproximação das noções weberianas de desencantamento do mundo e de religiões substitutivas, sem relação com Deuses, mas com a conferência de sentido à existência (CAMURÇA, 2003, p. 57). Vale ressaltar que o acesso por parte dos atores a identidades religiosas outras, possibilitou uma multiplicação dos quadros de referência, influenciando, ainda que indiretamente, o campo religioso, complexo, plural, ambivalente.

Assim, os sujeitos se vêm em meio aos mais diversos discursos, entre os quais cada um reivindica a si, crédito e legitimidade. É exatamente a partir dessas aparentes contradições e do solo secularizado, individualizado, globalizado e pluralista onde pisam os pés de diversos indivíduos contemporâneos, que muitos têm optado não por uma tradição ou pertença religiosa, mas por diversas identificações, enquanto muitos outros condenam essa mesma religiosidade plural. "O indivíduo tem tomado para si a tarefa de moldar a própria síntese, isto é, construir a sua religiosidade privada, com elementos oriundos de diferentes experiências religiosas, mesmo contraditórias" (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 32), de forma a também contribuir com um quadro plural de identidades religiosas.

Ambivalências do pluralismo religioso na contemporaneidade

O desenvolvimento de todo esse quadro religioso ambivalente e plural pode ser observado não apenas em nível global, mas também local, através do desenvolvimento de identidades locais fortemente influenciadas pela hegemonização de uma cultura pluralista. Ainda assim, percebe-se um esforço em prol da preservação das tradições locais diante da competição de diferentes apelos identitários bem como diante das pressões em direção às massificações culturais globais (MOREIRA, 2008, p. 29).

Nisto consiste os limites e ambivalências de um quadro religioso que mesmo em meio ao pluralismo e à multiplicidade de referências, encontra-se marcado por contradições experienciadas por atores, grupos e comunidades religiosas. Note-se a presença de ranços de fechamento a determinados desdobramentos e implicações do próprio pluralismo. Limites encontrados nas experiências dos próprios sujeitos, grupos e comunidades religiosas plurais e mesmo pluralistas. Essa fluidez, reflexividade e provisoriedade que parecem marcar o atual quadro de pluralismo religioso não confrontam apenas seus opostos, ou seja, as noções de rigidez, pureza ou dogmatismo, mas inclusive a própria fluidez, reflexividade e provisoriedade presentes nas experiências religiosas de diversos atores, como que relativizando o relativismo, limitando-lhe o alcance, ressuscitando velhos discursos religiosos institucionais tradicionalmente exclusivistas, mas que parecem oferecer algumas simples e cômodas convicções àqueles que não se sentem confortáveis com incertezas; oferecendo discursos ambivalentes a indivíduos ambivalentes. E as ambivalências desse quadro não se limitam a isso. Abrangem radicais contradições.

Ao que parece, do próprio fundamentalismo foram assimiladas diversos discursos, inclusive pela igreja evangélica hegemônica que, reproduzindo-os, corrobora com um quadro pluralista cuja ambivalência chega ao ponto de simultaneamente fomentar o pluralismo e seu reverso mediante oposição, não raro, violenta: uma espécie de anti-pluralismo que

também integra o plural quadro atual. Assim, mesmo sociedades imersas em uma cultura secularista parecem preservar diversos elementos do fundamentalismo que, de tempos em tempos, parecem ressurgir e impor-se com extraordinária força. Eis dentre tantos outros exemplos, aqueles explícitos e radicais, de intolerância religiosa praticados em nome da fé, mesmo em civilizações ocidentais secularizadas.

E aqui vale salientar como até mesmo indivíduos e comunidades religiosas que partilham de diversos posicionamentos ditos progressistas, e que não raro militam em prol de alguns desses ideais, preservam, porém, ranços e discursos que muito se aproximam dos posicionamentos fundamentalistas históricos. Assim, apresenta-se gritante o caráter ambivalente do campo religioso contemporâneo no qual celebram-se aspectos como emancipação humana, avanços técnico-científicos, ideais democráticos, mas paradoxalmente marcado simultaneamente por um lado, pelo crescimento do pluralismo, e por outro lado, por fechamentos identitários, não raro violentos, na busca pela preservação de algumas construções dogmáticas acima de todas as outras crenças, de uma moral específica em detrimento da diversidade cultural-religiosa que compõe a matriz de qualquer cultura, da defesa de uma suposta pureza religiosa em oposição ao reconhecimento de quaisquer interpenetrações.

Eis as ambivalências do pluralismo religioso na invasão do campo político brasileiro pelo discurso religioso reacionário às conquistas de direitos civis por parte de grupos historicamente estigmatizados. Eis as marchas religiosas indiferentes a aspectos como injustiça social e violência, todavia reivindicando uma legislação inspirada em hermenêuticas fundamentalistas contrárias, por exemplo, ao aborto e ao "casamento gay", a serem impostas a despeito da liberdade religiosa e da igual cidadania de cristãos, agnósticos e a-religiosos, em um Estado laico.

Nesse contexto, percebe-se a importância da influência da religião na esfera pública: ambivalência desse pluralismo religioso e da própria noção de secularização, especialmente à luz do conceito habermasiano de pós-

secularismo (HABERMAS; RATZINGER, 2007, p. 52). Dessa forma, a resposta da religião à sociedade não se restringe a um pluralismo enquanto resultado de hibridizações interreligiosas, mas incluindo também um outro: uma pluralização entre a religião e a própria secularização, adaptando-se a uma sociedade pós-secular que, em simbiótica resposta, "se ajusta à sobrevivência de comunidades religiosas em um ambiente cada vez mais secularizante" (HABERMAS, 2013, p. 6), em dialética adaptação religiosa à sociedade secular, mas também secular ao campo religioso, de maneira que a ambivalência apresenta-se como marca do próprio pluralismo religioso bem como da própria ideia de secularização.

Considerações finais

Eis a religiosidade contemporânea, marcada por aspectos como construções identitárias mais pluralizadas, bem como por radicais e violentas oposições a essa possibilidade. No entanto, as ambivalências dessa religiosidade plural no contexto contemporâneo não guarda relações apenas com processos e fenômenos estruturais sociais macro. Mesmo os atores religiosos que se abrem para diversas manifestações pluralistas, fecham-se, contudo para outras, a depender de com quem estejam, quando e onde estejam, bem como de suas posições e disposições nos espaços sociais nos quais encontram-se inseridos. Essa realidade aponta para a complexidade e alcance das ambivalências desse pluralismo religioso contemporâneo ainda pouco explorado em suas nuances contraditórias.

Nesse sentido o presente artigo parte de uma compreensão cultural, geográfica e historicamente limitada sobre uma realidade que se apresenta consideravelmente complexa e dinâmica, mutante, mas que talvez ofereça algumas contribuições no sentido de dar visibilidade a alguns aspects que podem ter contribuído para o advento de religiosidades marcadas por esse caráter fluido sobre o qual fala Zygmunt Bauman, mas que, ao mesmo tempo, transcende a supervalorização do sociólogo polonês a essa

característica que, sem dúvida, atravessa o campo religioso na contemporaneidade, mas não sem expressivas ressalvas, limites e ambivalências.

Assim urge o aprofundamento de análises que contemplem de maneira mais abrangente esse pluralismo religioso no contexto de um mundo globalizado e marcado por aspectos como individualização e secularização, e cujas influências certamente interferem nas construções identitárias religiosas, mas cujos resultados vêm sendo observados nas mais diveras e mesmo opostas direções.

Referências

ABDALA JÚNIOR, Benjamim (org.). **Margens da cultura**: mestiçagem, hibridismo & outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Sátiro; Zahar, 2001.

_____. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Sátiro Zahar, 2004.

_____. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BECK, Ulrich. **La individualización**: el individualismo institucionalizado y sus consequencias sociales y políticas. Barcelona: Paidós, 2003.

_____. **El Dios personal:** la individualización de la religión y el espíritu del cosmopolitismo. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2009.

*BITTENCOURT FILHO, José***.** *Matriz religiosa brasileira***:** *Religiosidade e mudança social***.** Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003.

BOURDIEU, Pierre. O conhecimento pelo corpo. In: **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. pp. 157-198.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

CAMURÇA. Marcelo. Secularização e reencantamento: a emergência dos novos movimentos religiosos. In: **Boletim Informativo de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, n. 56, 2003. pp. 55-69.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

COSTA, Joaquim. **Sociologia dos novos movimentos eclesiais**: focolares, carismáticos e neocatecumenais em Braga. Porto: Afrontamento, 2006.

_____. **Sociologia da Religião**: uma breve introdução. Aparecida: Santuário, 2009.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GUERRIERO, Silas. **Novos movimentos religiosos**: o quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006.

HABERMAS, Jürgen; RATZINGER, Joseph. **Dialética da secularização**: sobre razão e religião. Aparecida: Ideias e Letras, 2007.

HABERMAS, Jürgen. **Fé e saber**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MOREIRA, Alberto da Silva. O futuro da religião no mundo globalizado: painel de um debate. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias (orgs). **O futuro da religião na sociedade global**: uma perspectiva multicultural. São Paulo: Paulinas, 2008. pp. 17-35.

PACE, Enzo. Religião e globalização. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Orgs.). **Globalização e religião**. Petrópolis: Vozes, 1997.

PORTELLA, Rodrigo. Religião, secularização e (pós)modernidade: sobre sensibilidades religiosas contemporâneas. In: MAGALHÃES, Antônio; PORTELLA, Rodrigo. **Expressões do sagrado**: reflexões sobre o fenômeno religioso. Aparecida: Santuário, 2008. pp. 149-164.

STEIL, Carlos Alberto. Oferta simbólica e mercado religioso na sociedade global. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias de (orgs). **O futuro da religião na sociedade global**: uma perspectiva multicultural. São Paulo: Paulinas, 2008. pp. 7-16.